

Dossiê Matrizes do Republicanismo



Figura 1: Seis Poetas Toscanos, Giorgio Vasari.

Fonte: <https://collections.artsmia.org/art/1850/six-tuscan-poets-georgio-vasari>

Apresentação

O quadro *Os poetas toscanos* (1554), de Giorgio Vasari, retrata alguns poetas do humanismo italiano dos séculos XIII e XIV, aparentemente envolvidos em uma discussão de cunho literário. Entre eles destacam-se Dante Alighieri (vestido com um traje róseo), rodeado por outros nomes de peso da literatura italiana, entre eles destacam-se Petrarca e Boccaccio, autor da célebre obra *Decamerão*, composta de contos eróticos que suscita uma ruptura direta com a moralidade medieval ao exaltar os valores mundanos e sublinhar como a natureza se inscreve como a mola propulsora da conduta humana. Ao fundo, destaca-se o filósofo neoplatônico Marsílio Ficino e outros intelectuais do século XV. Em cima da mesa, observamos alguns símbolos marcantes do Renascimento que expõe a representação articulada da concepção cosmológica presente na *Divina comédia*, de Dante Alighieri.

Além dos poetas mencionados e de pintores renomados como Rafael e Botticelli, para citar alguns, o Renascimento também marca uma retomada das ideias republicanas. E, se atualmente podemos compreender a relevância do Renascimento para a “história das ideias republicanas”, como bem salienta Helton Adverse ao analisar a Matriz italiana, no livro *Matrizes do republicanismo* (2013), sem dúvida, devemos isso ao texto *The crisis of the early italian renaissance* (1955), de Hans Baron, no qual o autor forja o termo “humanismo cívico”. A obra de Baron, notabiliza a composição de um repertório conceitual que engendrará um sofisticado glossário político, precisamente uma linha de pensamento republicano.

No Brasil, as pesquisas que gravitam em torno do republicanismo, além dos estudos de Adverse, se devem, sobretudo, as profícuas produções de incansáveis e proeminentes pesquisadores como Newton Bignotto, Sérgio Cardoso e Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros, que com suas extensas produções inseriram de forma definitiva o pensamento republicano no cenário filosófico nacional, alargando nossos horizontes teóricos e enriquecendo nossas reflexões políticas mediante seus textos e a promoção de discussões muitas vezes caras para a área de ética e a filosofia política.

A compilação de textos que constituem o Dossiê que apresentamos nesse volume da Revista Intuitio, tem sua origem no “III Colóquio Matrizes do Republicanismo” ocorrido em março de 2023 na USP e que teve como tema central “Soberania e Representação”. O dossiê registra a continuidade de investigações relacionadas ao pensamento republicano

representado aqui por um dos pesquisadores brasileiros mencionados acima (Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros) e por uma nova geração de pesquisadores brasileiros que, por um lado, buscam por meio de suas pesquisas analisar a contribuição de filósofos modernos e contemporâneos vinculados ao republicanismo mantendo assim vivo o ardor de se pensar a política, seus temas e questões/problemas filosóficos sob uma perspectiva republicana, e, por outro, pesquisadores que mobilizam clássicos do pensamento político - amiúde opostos a abordagem republicana – que oferecem importantes contribuições para refletirmos acerca do tema “Soberania e Representação”.

Quem inaugura o dossiê é Adriana Novaes com o artigo *Representação e democracia segundo Hannah Arendt*, no qual a autora se mobiliza em assinalar a importância da “compreensão das concepções de representação, democracia, poder e Estado” no pensamento arendtiano. Na sequência, recorrendo ao modelo neorepublicano de democracia de Philip Pettit, Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros analisa a forma como Pettit trata o “procedimento da representação política” no referido modelo de democracia e procura discutir se este modelo consegue alcançar os objetivos ambicionados por Pettit. O artigo que lemos posteriormente é o de autoria de Luciana Costa de Souza, nele a pesquisadora evoca Hannah Arendt e Giorgio Agamben, visando examinar “as dificuldades políticas decorrentes da soberania moderna”. Adiante, tendo como eixo teórico o pensamento de John Stuart Mill, Isabel de Almeida Brand assume o desafio de explicar como o filósofo inglês tratou da questão da “sujeição das mulheres vinculando e equilibrando as esferas pública e privada”. Após o artigo de Isabel, em seu texto, Bernardo Taveira Oberlaender se propõe “analisar em que medida a universalidade dos imperativos jurídico e estatal defendida por Otfried Höffe não resulta em uma antinomia em relação ao conceito político-jurídico de soberania”. Em seguida, Mbaidiguim Djikoldigam em seu artigo *Thomas Hobbes, ou a invenção do soberano-representante* tem como objetivo demonstrar a originalidade de Hobbes no que concerne “a relação entre representação e soberania”, pelo fato de não considerar “a representação apenas como procuração”, mas, mais do que isso preconizar a “união entre representação e soberania como condição necessária para o exercício do poder político”. Sucessivamente, buscando analisar a questão da “Representação Política na República”, Vital Alves, tendo como pano de fundo perscrutar “as possíveis convergências e discordâncias entre os republicanismos” de James Harrington e

Montesquieu, confronta o problema da “representação política” valorizando o republicanismo desses dois pensadores como possibilidade de se entender a natureza dos republicanismos inglês e francês. O dossiê conta ainda com o texto de Daniel Chiaretti, *O ideal de soberania global em Philip Pettit*, no qual o autor, a partir do ideal de soberania global de Pettit, propõe “caminhos para uma interpretação mais radical da tradição republicana no contexto global” e o texto de Rodrigo Ribeiro de Sousa, *Republicanismo e estado democrático de direito: contornos para uma análise conceitual*, que busca apontar alguns parâmetros indicativos para a compreensão do conceito de *Estado democrático de Direito* no âmbito do pensamento político contemporâneo. Além disso, também compõe o dossiê a tradução de Vital Alves do artigo *A soberania popular contra o Estado (1789-1804)*, do professor-pesquisador francês Bosc Yannick, que foi apresentado em forma de conferência no “III Colóquio Matrizes do Republicanismo”, e, por fim, a resenha escrita por Helena Esser dos Reis do livro *Corrupção política e republicanismo: a perda da liberdade segundo Jean-Jacques Rousseau*, de autoria de Vital Alves.

Ainda neste mesmo número, na seção *Varia*, que apresenta textos de outros temas filosóficos, temos o artigo de Bruno Guedes Santiago, intitulado *Mudanças relevantes ocorridas no debate envolvendo a evolução das espécies no século XX*, que se propõe a revisar a literatura sobre a evolução das espécies na última década. Em seguida, o texto *Filosofia Iconoclasta*, de Rodrigo Pedro Mella Parmeggiani e Darlan Paulo Lorenzetti, apresenta uma interessante aproximação entre a doutrina dos *Idola Fori* de Francis Bacon e a tese do adoecimento da linguagem do filósofo brasileiro Ricardo Timm de Souza. Já o artigo *O Sentimentalismo racional de Adam Smith e sua contribuição para a filosofia moral*, escrito por Luis Miguel Rechiki Meirelles, analisa a filosofia moral de Adam Smith, buscando apresentar a “distinção entre moralidade pública e privada e como essa proposta, junto do restante de sua filosofia moral, pode auxiliar o debate contemporâneo sobre a vinculação da moralidade ao direito”. Por fim, o artigo de Victor Angelucci, intitulado *Uma introdução às novas soluções do enigma de Frege*, busca analisar as “respostas contemporâneas ao problema da significância cognitiva (Enigma de Frege ou *Frege’s Puzzle*)” apresentando teorias neofregeanas e teorias relacionistas.

Desejamos uma boa leitura!

Vital Alves e Clóvis Brondani (Editores)